

à espera duma puta chamada Gaivota

Gaivota nunca cheirou Lua
Reparando que ela urinava as noites devagar

Até beijar a sua luz reflectida
Na banheira
Onde lavou os seus cabelos ofidios

Gaivota expeliu ódio pela uretra
Tal como Lua o faz na infinita grandeza
Do mar e da cidade deserta

Gaivota era apenas uma mulher
No dia anterior a esse
Nos outros dias anteriores a esse
Em todos os banhos anteriores a esse
E tinha outro nome qualquer

A Lua também urina no mar

Fracturas envergonhadas amarram os edifícios
Que enfraquecidos amarram ruas despovoadas
Pintadas por aguarelas abatidas
Dissolvendo-se no sangue que (não) corre no corpo nu de Gaivota
Derramando raiva no banco de trás dum automóvel

Dança sozinho na noite
O automóvel

Gaivota não se lembra como a chamavam
Quando tinha outro nome qualquer
Agora chamam-lhe puta
Só

Já escreveu num lenço de papel
Pelo menos trinta vezes
Não fiques triste
A Lua também urina no mar

Puta
A Lua também urina no mar

Pássaros salvam da morte
As ruínas dum prédio abandonado
Dando-lhe um último esgar de vida

Talvez por isso o gato passe sem os assustar
Talvez por isso eu mantenha silêncio
Enquanto Gaivota se veste
E se torna a despir

Salvo da morte
A ruína dum voo siando
Só porque a espero

sem título

Enorme a ausência que me povoa

Quando te vais

Depois de me vir

Colibri oscula com cheiros
Transeuntes sós na margem da avenida

Cheiram elas a ermos olhares
Sobre extensões de prados secos
Que o tempo a tornou sequiosa dum estado triste

Cobiça o ranho que alguém bebe por uma caneca suja
E adormece com a cabeça no volante
Que buzina sem ninguém ouvir

Depois esvoaça desbotada entre reclamos luminosos intermitentes
E quando alguém soqueia o pára-brisas para a acordar
Colibri já não está ali
Oscula, com cheiros, transeuntes sós na margem da avenida

Tenho uma fotografia na gaveta das meias que o prova

Ela disse-me que não se lembra de ser criança
Mas já foi
Tenho uma fotografia na gaveta das meias que o prova

Eu bebia laranjada
Comia chocolates em forma de coelho
Pedia à minha mãe uma mesada
Baloçava no ramo dum salgueiro velho

Às vezes punha o dedo no nariz
Comia o ranho
Roubava na escola giz
Fazia no pátio um desenho

Sobre Gaivota só sei que tinha tranças
Tenho uma fotografia na gaveta das meias que o prova

Acidente

Vais-me amar sempre?

Não.

Porquê?

As pessoas morrem, Gaivota.

De quê?

De acidente, por exemplo.

E ela sorri.

No teu corpo nu

Disparo uma bala de esperma branco

Não estou à espera que morras

Apetece-me partir-te uma asa

Manequim

Confundes-te com os manequins

Gaivota

Os que se vestem com roupa nova nas montras

E te sorriem por trás

Os que se despem do cheiro a tabaco e às fontes de vinho

E te sorriem por trás

A puta sou eu

Que te pago!

ivar corceiro 2010 | aveiro
www.ivarcorceiro.net
bagacoamarelo@gmail.com